

# O *CODE SWITCHING* SOB A VISÃO DO MODELO VARIACIONISTA

Clarice Nadir von Borstel<sup>1</sup>

---

**Resumo:** A presente pesquisa enfatiza a análise do fenômeno lingüístico de línguas em contato sobre *code switching*, em situações funcionais no *Brasildeutsch*. Pretende-se mostrar como se dá o uso inter e intra-sentencial do fenômeno de *code switching* em estratégias de interação usadas pelos falantes bilíngües com relação aos condicionamentos gramaticais no modelo variacionista.

**Abstract:** The present research emphasis the verbal interaction of the functional process of the two languages: situations of code switching in *Brazildeutsch*. In this sense, the inter and intra-sentential use of the phenomenon of code switching is observed, as well as the strategies of interactions adopted by bilingual speakers with respect to grammatical and social conditioning on the basis of the variation model.

**Palavras-chave:** línguas em contato, code switching, modelo variacionista

**Keywords:** languages in contact, code switching, variation model.

---

## 1. Introdução

Este artigo tem o objetivo de apresentar o fenômeno de *code switching* inter intra-sentencial no plano lingüístico de condicionamentos gramaticais com base no modelo variacionistas desenvolvido, essencialmente por Poplack (1980) e Poplack & Sankoff (1988).

O uso do *code switching* pode ocorrer quando há a mudança de uma língua para outra, determinada pela função que cada língua assume no comportamento glo-

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná *Campus* de Marechal Cândido Rondon.

bal de cada indivíduo bilíngüe e pelo seu grau de competência em ambas as línguas. O grau e a proporção de bilíngüe em suas línguas pode estar condicionado ao tópico que estiver falando, à pessoa à qual fala e, também, à tensão da situação na qual fala.

Para chegar a uma abordagem sociolingüística integrada do bilingüismo, há de se considerar os estudos de línguas em contato, no que se observam as inter-relações psicológicas, lingüísticas e o grupo social/cultural em que o indivíduo bilíngüe esteja inserido.

As variações no bilingüismo podem ocorrer, quando há dois sistemas lingüísticos distintos em contato em uma comunidade bilíngüe. Por exemplo, as variáveis em comunidades de fala podem ter traços do português padrão [+L1] e traços do alemão padrão [+L2] e, ainda, traços intermediários de dialetos da língua alemã e do português coloquial [+L1/+L2]. Para o indivíduo bilíngüe, oferece-se, em situações formais ou não formais, a necessidade de optar entre um código e outro. Os estudos de Hymes (1967) colaboraram para um melhor entendimento da situação do bilingüismo, pois o indivíduo bilíngüe, através da competência comunicativa, tem a habilidade de selecionar códigos, gramaticalmente corretos, até a escolha de formas apropriadas que reflitam as normas sociais de conduta em determinadas situações. Por isto, em situações de bilingüismo, deve-se partir da premissa de que às interações verbais vão, sempre muito, além das meras regras gramaticais.

Estes aspectos mostram que o falante bilíngüe interage, continuamente, com o meio ambiente em todos os seus componentes (físico, emocional, social, cultural) e, assim, constrói uma estrutura de vida estável e caracteriza-se com um comportamento distinto e único. Esta interação é essencial na aquisição lingüística da primeira língua e no aprendizado da segunda língua. Isso explica porque uma das características básicas do indivíduo bilíngüe é a identidade cultural com todas as suas escoras sociais.

## 2. Fenômenos lingüísticos situacionais de *code switching*

Vários são os fenômenos lingüísticos que acontecem em situações de línguas em contato, podem ser compreendidos a partir de estudos com abordagens diferenciadas sobre os traços de fala do bilíngüe.

Hoffmann (1991: 95), em estudos recentes, trata distintamente os traços de fala bilíngüe, no que diz respeito às misturas de línguas e *code switching*. Mas, no campo da lingüística, não há cortes claros de distinção ou abordagens de comum

acordo, para analisar ou descrever as definições, pois algumas podem se cruzar em tempos, ou parecer contraditórias, assim como a tarefa de separar termos de mistura de língua, como por exemplo, a forma plural do alemão: *die Ohrens* (*die Ohren* ‘as orelhas’), dos termos de *code switching* (*Die Ohrens do papai sind grob* ‘As orelhas de papai são grandes’) não é tão fácil quanto parece ser. Para o autor, há traços totalmente notáveis na fala de falantes bilíngües jovens e adultos, quando direcionados de um para outro falante, tanto em relação aos traços de misturas de línguas (os traços são mais notáveis em crianças) como os de *code switching*.

Para Mackey (1968), assim como para Grosjean (1982: 299), há uma “*influência involuntária de uma língua para outra*”, que as distingue de empréstimo e *code switching*, a última parece ser menos involuntária do que a primeira. De acordo com Grosjean, um falante bilíngüe, quando fala a um monolíngüe, utiliza o *code switching* e empréstimos para poder se comunicar e, por isso, desvia-se da forma lingüística padrão.

O *code switching* é um fenômeno bastante evidente em falantes que vivem em comunidades bilíngües. Atualmente, os estudiosos de línguas em contato têm dado ênfase aos estudos deste fenômeno lingüístico, que vem a ser o uso de dois sistemas gramaticais de línguas lado a lado, ou subsistemas gramaticais a um mesmo ato de fala de falantes bilíngües. Porém as regras gramaticais desses dois sistemas não podem ser prejudicadas. Portanto a alternância é possível, tanto entre diferentes variações ou registros de uma língua, assim como entre línguas diferentes (Hoffmann, 1991: 110; Haust; 1993: 93; Myers-Scotton, 1993: 480; Milroy & Muysken, 1995: 180). Por isto, o conceito de bilingüismo, nesta abordagem sobre línguas em contato, deve ser representado por multilingüismo ou plurilingüismo. Como por exemplo, *Mir ware heute morgen noch fortgegangen lá na Norma, a mãe dela está mal, nós fomos lá um pouco,... sie ist so schlecht, aber tão mal, ich weiss net, se ela passa de hoje..* ‘Nós ainda saímos hoje de manhã lá na Norma, a mãe dela está mal, nós fomos lá um pouco,... ela está muito mal, mas tão mal, eu não sei não, se ela passa de hoje’ (OP em MCR, cf. Borstel, 1999).

As pesquisas sobre *code switching* têm abordado, tanto as questões restritas à lingüística, assim como, a função que tem no discurso. Os pesquisadores, acima citados, têm tentado determinar a possibilidade de predizer em que ponto pode ocorrer o *code switching*, de que maneira acontece a troca que condiciona o processo de inferência conversacional e como os falantes negociam esta interação. Os resultados destas pesquisas têm demonstrado que, tanto os fatores externos ou sociais, como os internos ou lingüísticos, afetam, de uma ou de outra forma, as ocorrências de *code*

*switching*. Os fatores externos podem ser identificados em uma comunidade lingüística: no falante, no tópico da conversação e na identificação étnica do indivíduo. Geralmente, há variações de indivíduo para indivíduo com relação ao uso de *code switching*, tanto nos aspectos externos como internos. Os fatores lingüísticos que motivam este fenômeno não são tão fáceis de identificar, visto que o *code switching* pode ser motivado por questões sócio-pragmáticas.

Atualmente, várias são as perspectivas e análises abordadas nos estudos sobre línguas em contato, com relação ao *code switching*.

Nos estudos apresentados por Milroy & Muysken (1995), as razões, as propostas, as classificações dadas a essas perspectivas e os comportamentos de alternância são tão variados quanto às direções que os lingüistas dão ao *code switching*.

Os modelos estudados, para interpretação de *code switching*, concentram-se, na maioria das vezes, em dois aspectos diferentes: um no plano lingüístico de regras gramaticais, denominados de condicionamentos gramaticais e, o outro, no plano sócio-pragmático, pelo qual se entende a alternância de código como uma estratégia discursiva na interação comunicativa de falantes multilíngües.

Este último plano tem como base o estudo interacional de Gumperz (1982). O autor entende que o *code switching* existe entre duas línguas, no discurso, na mudança, bem como, entre diferentes variações de uma língua (como no caso, a língua padrão alemã e a variação de seus dialetos suábico, vestfaliano, francônio e pomerano). Ambas as situações apresentam uma opção para o falante. Se a comunidade do falante é monolíngüe, bilíngüe ou multilíngüe, tem uma função pragmática que são as possíveis funções a que à mudança no discurso podem servir. Gumperz (1982: 75-84) nomeia a diferenciação de *code switching*, entre discurso direto e indireto que é transmitido a um determinado destinatário. Também cita o uso de interjeições, as expressões retóricas, que dão o sentido de repetição de enunciados, a determinação mais próxima do que foi dito, e a marca da personalização *versus* objetividade do falante. Para Gumperz (1982: 89), os condicionamentos sintáticos são mais dependentes dos aspectos pragmáticos do que os da gramática.

Além dos estudos sobre as funções pragmáticas de Gumperz, existem muitas outras. Em princípio, todas são parecidas. Appel & Muysken (1987: 118-120), por exemplo, diferenciam funções referenciais, diretivas, expressivas, fáticas, metalingüísticas e poéticas, assim como, nos estudos de Silva-Córvalan (1989: 180-181), ocorrem em citações, discurso indireto, repetições, interjeições, estilo pessoal subjetivo e retórico.

Quanto ao plano lingüístico de condicionamentos gramaticais, apresentar-se-á o modelo variacionista para poder interpretar e analisar o fenômeno lingüístico de *code switching*.

### 3. O modelo variacionista

Para Poplack (1980), três maneiras de alternância podem ser distinguidas, que correlacionam a competência bilíngüe do respectivo falante: (1) O *tag-switching* vem a ser o uso de expressões idiomáticas e retóricas de uma língua, que são introduzidas numa outra e, muitas vezes, integralmente, em manifestações comunicativas bilíngües, como no caso de *Ela está mal, ... aber so Schlecht, ... mas muito mal...* ‘Ela está mal, ... mas muito mal, ... mas muito mal...’ (Borstel, 1992: 152). (2) O *inter sentential switching*, no qual os conhecimentos em ambas as línguas têm que ser maiores do que no *tag switching*, onde frases isoladas fazem parte de línguas diferenciadas e, com isto, diferentes sistemas gramaticais estão de acordo com as gramáticas destas línguas, por exemplo, no momento da entrevista em MCR (cf. Borstel, 1999): E: *Wie alt bist du?* ‘Quantos anos você tem?’ I: Eu estou com quarenta e dois anos. E: *Hast du hier in Rondon gelernt?* ‘Você estudou aqui em Rondon?’ I: Sim, na Escola Martin Luther, eu tinha seis anos. *Já, wir hierher gekommen sind..* ‘Sim, quando viemos para cá.’ (Inf. nº8 de MCR, idem, op.cit.). (3) O *intra sentential switching*, que pode ocorrer no meio de frases, ou em partes de frases e, com isto, exige uma maior competência lingüística do falante *Der Mann hat BauenMaterial gekauft, aber er hat das nicht richtig kombiniert mit der cerâmica...* ‘O homem comprou material de construção, mas não combinou muito com a cerâmica...’ (Inf. nº 1 de ER-G, ibidem).

Segundo Poplack (1980: 98), de modo estrutural, para que haja a mudança entre duas línguas dentro de uma frase, ou em partes de frases, exige-se uma maior competência lingüística do falante. Por isso, o interesse principal do modelo variacionista está sujeito à pesquisa das regras gramaticais de *intra sentential switching*. Poplack & Sankoff (1988) foram os primeiros a formular este estudo em comum, em que há duas contradições sintáticas de alternância de código, a saber, os *Free Morpheme Constrains* (restrição de morfemas livres) e a *Constrains Equivalence* (restrição de equivalência)

Esta análise consiste em dois estudos de casos. O primeiro, trata-se de um estudo sobre língua em contato inglês/espanhol numa comunidade porto-riquenha em Nova Iorque e, o segundo, consiste no comportamento de mudança de língua

entre inglês/francês, em Ottawa-Hull, no Canadá. Ambas as análises contêm métodos lingüísticos quantitativos, na abordagem antropológica e no processamento de dados. Nos dois estudos de casos, o comportamento de mudança de língua pode ser descrito no plano sintático, tanto na restrição de morfema livre, como na restrição de equivalência.

A restrição de morfema livre prevê que o *code switching* não pode ocorrer entre o limite do morfema livre e a forma lexical, se o último elemento não estiver integrado, fonologicamente, na linguagem do morfema.

Pesquisadores<sup>2</sup> sobre o fenômeno de *code switching* explicitam que os exemplos dados por Poplack (1980: 586) nem sempre são convincentes. No falar inglês/espanhol "... *una buena exCUSE...*" ([eh'kjuws] uma boa desculpa), esta restrição de morfema livre poderia ser possível, porque o primeiro elemento de "*ex-CUSE*" corresponde fonologicamente ao espanhol do Caribe e, o segundo, à fonologia do inglês. Porém, com o exemplo inglês/espanhol "*CATCH-iendo*" (pegando), não pode ocorrer a restrição, visto que, este exemplo tem o sufixo espanhol e a raiz do inglês. Exemplos deste tipo ocorrem muito no *Brasildeutsch*<sup>3</sup>, em palavras simples e, ou compostas, com sufixos e, ou raiz do alemão assim como do português *BERGAMOT ten* (bergamotas), *SüßBATAT ten* (batatas doces), *BauenMATERIAL* (material de construção), (*COMPR iiren* (comprar), entre outros exemplos (termos usados nas entrevistas pelos informantes de MCR e ER-G, cf. Borstel, 1999).

Em seus estudos sobre a restrição de equivalência, Poplack & Sankoff (1988) prevêem que o *code switching* pode ocorrer em situações onde se colocam lado a lado elementos de duas línguas, desde que não viole nenhuma regra sintática no uso das mesmas. O *code switching* tende a ocorrer em pontos na qual a estrutura superficial de duas línguas se mescla uma na outra. Isso significa que este fenômeno só pode iniciar-se nos limites comuns de ambas as línguas, pois a alternância não pode ocorrer entre dois elementos sentenciais, a menos que eles sejam, normalmente, ordenados da mesma forma.

Em virtude das respectivas seqüências de palavras, nas combinações lingüísticas, há trechos da fala que permitem ou pressupõem uma mudança.

---

<sup>2</sup> Sobre pesquisas de *code switching*, Romaine (1995); Faust (1993); Muysken (1995); entre outros.

<sup>3</sup> O falar funcional da língua alemã no Brasil, ou seja, a mescla lingüística de vários dialetos do alemão, mais a língua padrão alemã e o português (cf. Heye, 1986).

No caso do falar alemão/português, a alternância pode ocorrer em frases substantivas, entre determinantes e substantivos, mas não entre substantivos e adjetivos. Assim em frases substantivas como: ...*sein favorit Eckplatz* (seu canto favorito), não pode ser misturado por causa das combinações como *seu favorito Eckplatz*, *sein favorito lugar*, *sein favorito Eckplatz*, pois resultaria em uma combinação agramatical de constituintes nas duas línguas. Assim, no português, há uma regra de estrutura frasal, na frase substantiva, em que muitos adjetivos seguem os seus substantivos, como no exemplo, NP (frase nominal) > (det) N (substantivo) (adjetivo). Porém, no alemão, há um determinante que localiza adjetivos antes dos substantivos, como: NP (frase nominal) > (det) (adjetivo) N (substantivo). Embora as línguas dividam a mesma ordem para determinantes e substantivos, pode ocorrer a alternância entre elas. Outra possível alternância para alemão/português dá-se entre NP (frase nominal) e VP (frase verbal), entre verbo e objeto da NP (frase nominal), entre auxiliar e verbo, entre preposição e NP (frase nominal), entre PP (frase preposicional) e, também, com as conjunções coordenativas e subordinativas.

Segundo Poplack & Sankoff (1988), todas as instâncias de *code switching*, ocorridas no interior de frases, foram analisadas, através da própria função sintática e das categorias dos segmentos anteriores e posteriores a elas. Para os autores, a alternância de código espanhol/inglês ocorre, principalmente, entre Sujeito-NP e VP, V e Objeto-NP, preposição e NP, dentro da NP, da PP e em conjunções coordenativas e subordinativas.

Estes autores prevêem possibilidades diferentes de situações de alternâncias para línguas pares que diferem na tipologia da ordem de palavras. Por exemplo, quando se trata de uma língua SOV (sujeito-objeto-verbo) e uma língua SVO (sujeito-verbo-objeto), como no caso da língua panjabi e inglês (cf. Romaine, 1995) que obedecem, respectivamente, a esta ordem. Então, conforme a restrição de equivalência, a alternância de código poderia ocorrer em um par de VSO/SVO de línguas (como o galês e o inglês), antes do objeto, mas não entre sujeito e verbo ou vice-versa.

Segundo Romaine (1995: 160), a pesquisa de Poplack & Sankoff (1988) é basicamente uma produção de tempo real, um fenômeno, gramaticalmente, restrito pela estrutura do constituinte.

As pesquisas de Poplack (1980), Poplack e Sankoff (1988), sobre *code switching*, é baseado nas semelhanças tipológicas que permitem supor resultados comparáveis do inglês/espanhol e inglês/francês, nestas duas comunidades bilíngües estudadas por eles, ocorrendo aspectos diferenciados de *code switching*. Na comunidade porto-riquenha, o *code switching* espanhol/inglês atuava como um modo de

discurso parecido com o uso monolíngüe, marcado por um *smooth code switching* (alternância de código suavizada) e *equivalence sites* (posição de equivalência) dentro de frases, porém mais da metade das seqüências lingüísticas documentadas de *code switching* ocorriam em limites de frases. Em contraposição a isso, este fenômeno em francês/inglês em Ottawa-Hull servia, quase sempre, de objetivos retóricos e representava a estratégia do *flagged code switching* (sinalizando a alternância). Por isso, Poplack (1980, 1988) diferencia dois modos de comportamento de mudança de língua, que denominou como *intimate* (tipo íntimo) e *emblematic type* (tipo emblemático). O uso de *intimate type* distingue-se através de mudanças freqüentes dentro da frase, onde a estratégia de *smooth code switching* e *equivalence sites* são o sinal característico de alternância na frase. Já o uso de *emblematic code switching* ocorre, na sua maioria, em expressões retóricas, idiomáticas ou termos isolados, representados, porém, por *tag switching*. Neste sentido, há o perigo de prejudicar as regras gramaticais, pelo menos em uma das duas línguas referidas, sendo maior no *intimate code switching*. Um falante, na verdade, pode usar os dois tipos, mas, neste caso, o uso de *code switching* admite questionamento sobre a competência bilíngüe do respectivo falante.

#### 4. Considerações finais

Nos estudos dos condicionamentos gramaticais do fenômeno de *code switching* inter e intra-sentencial, nestes dois estudos de casos, de Poplack e Poplack & Sankoff, não foi apresentado uma regra muito clara, no sentido de que possam valer como exemplos que representem a restrição gramatical de *code switching*. Não houve, também, uma análise nas seqüências lingüísticas do *code switching*, ocorridas nos limites sintáticos. Estes, por exemplo, foram deixados completamente fora de observação.

Portanto muitos pesquisadores, que estudam o fenômeno de *code switching*, exigem validade universal para a restrição de equivalência. Há alguns estudos críticos com relação a esse modelo e apontam para um grande número de exceções de regras gramaticais sobre o *code switching* variacionista. Mesmo que a literatura não explique suficientemente as restrições dos condicionamentos gramaticais, julga-se que, analisando lado a lado com os papéis relativos aos fatores sócio-pragmáticos e cognitivos, talvez, estes possam explicar, em parte, os fenômenos de *code switching*.



## Referências bibliográficas

- APPEL, R. & MUYSKEN, P. *Language Contact and Bilingualism*. Londres : Edward Arnold Ltda., 1987.
- BORSTEL, C.N. von. *Aspectos do bilingüismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil*. Florianópolis : UFSC, 1992. (Dissertação de Mestrado).
- \_\_\_\_\_. *Contato lingüístico e variação em duas comunidades bilíngües do Paraná*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. (Tese de Doutorado).
- GROSJEAN, F. *Life with two languages*. Cambridge : Cambridge University Press, 1982.
- GUMPERZ, J.J. *Discourse strategies*. Cambridge : Cambridge University Press, 1982.
- HAUST, D. Formen und Funktionen des Codeswitching, In: *Soziolinguistik, Linguistische Berichte*, Westdeutscher Verlag, 1993, p. 93-129.
- HEYE, J. Diglossia and dialect levelling among German speaking immigrants in Brasil. In: DRESSLER, W.U. ; MEID, W. (Orgs.). *Proceedings of the Twelfth International Congress of Linguistics*. Innsbruck: Institut für Sprachwissenschaft der Universität Innsbruck, 1978., p. 293-296.
- HOFFMANN, C. *An introduction to bilingualism*. England: Longman, 1991.
- HYMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J.B. & HOLMES, J. (eds.). *Sociolinguistics, Harmondsworth*. England : Penguin Books, 1967. p.269-294.
- MACKEY, W.F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. (ed) *Readings in the sociology of language*. Haia: Mouton, 1968. p. 554-84.
- MILROY, L. & MUYSKEN, P. *One speaker, two languages : Cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge : Cambridge University Press, 1995.
- MUYSKEN, P. Code-switching and grammatical theory. In: MILROY, L. & MUYSKEN, P. (orgs.), 1995, p.177-198.
- MYERS-SCOTTON, C. Common and uncommon ground: social and structural factors in codeswitching. *Language in Society*, v.22:475-503, 1993.
- POPLACK, S. Sometimes I'll start a sentence in English Y TERMINO EN ESPAÑOL. In: *Linguistic 18*, 1980, p. 581-618
- \_\_\_\_\_. Contrasting patterns of code-switching in two communities. In: HELLER, M. *Codeswitching: anthropological and sociolinguistic perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988, p. 215-244.
- \_\_\_\_\_. & SANKOFF, D. Code-switching. In: AMMON, U. DITTMAR, N. & MATHEIS, K. (eds) *Sociolinguistics. An International Handbook of the Science of Language and Society*, vol. II, Berlin: Mouton de Gruyter, 1988, p. 1174-1180.
- ROMAINE, S. *Bilingualism*. 2.ed. Oxford : Basil Blackwell, 1995.
- SILVA-CÓRVALAN, C. *Sociolingüística teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

